

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2022.Vol10.n68.pp4-36>



Suely Nobre de Sousa

Servidora pública como técnica/pedagoga do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT
Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT
Doutoranda pela Universidade de Uberaba, UNIUBE
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil
suely.nobre.ac@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5272-4057>

Tiago Zanquêta de Souza

Doutor em Educação pela UFSCar.
Coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação
e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação:
formação docente para a Educação Básica – Mestrado Profissional, ambos da UNIUBE.
tiago.zanqueta@uniube.br
<https://orcid.org/0000-0002-2690-4177>

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Resumo

Este artigo é resultado de um levantamento bibliográfico em artigos, dissertações e teses publicadas entre 2017 e 2022 sobre a violência escolar. Trata-se de uma sistematização do Estado do Conhecimento que comporá parte de uma tese que investiga a violência escolar entre jovens estudantes do ensino médio do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cáceres, tendo como referência as suas práticas sociais. Essa pesquisa se desenvolveu com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Foram selecionadas 28 obras hospedadas nas plataformas: BDTD, CAPES e SciELO. A pergunta que guiou o estudo foi: o que revelam as pesquisas sobre violência escolar e como se dão as práticas sociais entre jovens estudantes, suas percepções e os fatores que geram a violência escolar? A metodologia foi ancorada na análise de conteúdo em Bardin (1997), Morosini e Fernandes (2014) e Kohls-Santos e Morosini (2021), com aporte teórico sobre violência escolar em Abramovay (2002, 2005), Charlot (2002), Stelko-Pereira (2010), entre outros. A análise permitiu a construção de categorias temáticas, como: a) conceituação e outras definições da violência escolar; b) a visão dos estudantes sobre violência escolar; c) principais fatores que podem desencadear a violência escolar. Os resultados revelaram a dificuldade teórico-metodológica quanto a conceituação desse fenômeno em constante reconfiguração; as vozes dos estudantes como busca da verdade sobre violência escolar; a indisciplina, o preconceito nas formas de racismo, contra pessoas LGBTQIA+ que permeiam as práticas sociais nas escolas como fatores da violência escolar.

Palavras-chave: Ensino Médio. Práticas Sociais. Violência Escolar.

School Violence: a study of the state of knowledge in the period from 2017 to 2022

Abstract

This paper is the result of a literature review of articles, dissertations, and theses published between 2017 and 2022 on school violence. It is a systematization of the State of Knowledge that will be part of a thesis investigating school violence among young high school students at the Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Cáceres, based on their social practices. This research was supported by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Twenty-eight works hosted on the platforms BDTD, CAPES, and SciELO were selected. The research question that guided the study was: “What does the research reveal about school violence, and how do social practices among young students, their perceptions, and the factors that generate school violence occur?” The methodology was anchored in content analysis, following Bardin (1997), Morosini and Fernandes (2014), and Kohls-Santos and Morosini (2021), with theoretical support on school violence from Abramovay (2002, 2005), Charlot (2002), Stelko-Pereira (2010), among others. The analysis allowed the construction of thematic categories, such as a) conceptualization and other definitions of school violence; b) students’ views on school violence; c) the main factors that can trigger school violence. The results revealed the theoretical and methodological difficulty in conceptualizing this constantly reconfiguring phenomenon; the student’s voices in the search for the truth about school violence; indiscipline, and prejudice in the forms of racism against LGBTQIA+ people that permeate social practices in schools as factors of school violence.

Keywords: High School. Social Practices. School Violence.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Introdução

A violência escolar¹ é um fenômeno complexo e multifacetado que se manifesta de diversas maneiras. Por conta disso, a escola precisa compreender suas causas e consequências, identificar comportamentos de risco, promover valores éticos e morais, fomentar a cultura da paz e estabelecer medidas preventivas e punitivas efetivas. Essa dinamicidade das relações sociais escolares, torna a violência escolar um problema em constante mutação, que se transforma e se reconfigura a cada nova ação. Nesse sentido, Abramovay (2002, 2015) tem definido esse fenômeno como “violências nas escolas”, observando a diversidade de características dos atos e os sujeitos envolvidos.

Frente a isso, Sposito (2001) apontou que as ciências sociais, por meio de grupos de pesquisa, têm se dedicado ao tema da violência escolar por meio a intensos debates públicos sobre o assunto. Esses estudos observam a violência envolvendo jovens tanto como autores quanto como vítimas, contribuindo para a compreensão e enfrentamento desse problema.

Segundo Abramovay (2005), essa condição relaciona com a dificuldade dos jovens em lidar com a diversidade de fatores que envolvem a vida escolar, bem como em aderir às regras que devem cumprir. Nesse sentido, chama a atenção a ausência de limites que “contribui para produzir o que poderia chamar de angústia social.” (CHARLOT, 2002, p. 433).

Abramovay (2002) aponta que. Os jovens têm demonstrado dificuldades em expressar seus pensamentos e sentimentos diante dos outros. Alinhados à vida moderna, refugiados no mundo virtual e sem limites, os jovens acessam conteúdos exaustivos ou negativos na internet e levam suas demandas para a escola. Mais individualistas, no coletivo, os jovens podem perder a paciência

1 Este artigo apresenta um recorte do estudo do estado do conhecimento realizado em torno do objeto “violência escolar”, como parte integrante de uma tese de doutorado em educação em andamento, que conta com apoio financeiro da CAPES/PROSUP/ BOLSA.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

e desencadear brigas, humilhações e situações que colocam em risco a si mesmos, aos outros e ao processo educativo.

A prática social da violência escolar entre jovens tem chamado à atenção dos educadores devido a incorporação da prática de bullying, racismo, insulto, vandalismo, tarefas humilhantes, entre outras, que alinham com o modo de vida, a cultura escolar e a linguagem jovem na sociedade contemporânea. Outro agravante, segundo Charlot (2002, p.433), são “os jovens envolvidos nos fatos violentos, cada vez mais jovens [...], alunos de 8 a 13 anos, às vezes revelam-se violentos até frente aos adultos”. Todavia, as causas podem variar de sujeitos para sujeitos, interferências sob condições socioeconômicas, psicossociais, entre outras, cujo motivo pode desencadear atitude ríspida, inapropriada e até violenta. Contudo, não cabe culpabilizar os jovens pela violência que ocorre nas escolas, mas, buscar compreender a multiplicidades de fatores dessa violência.

O levantamento bibliográfico das produções acadêmico-científico sobre violência escolar do período de 2017 a 2022, que sustentou a elaboração do Estado do Conhecimento, buscou identificar elementos constitutivos dessa violência, delineados nas categorias temáticas: conceituação e outras definições da violência escolar; a visão dos estudantes sobre violência escolar; e os principais fatores que podem desencadear a violência escolar, que neste texto são objetivamente apresentadas.

A importância de investigar a violência escolar reside na busca por aprofundar conhecimentos sobre esse fenômeno, essencialmente sobre as práticas sociais de jovens nas escolas, cujo processo de formação cidadã proposto pelas políticas públicas de educação, confronta com uma realidade escolar marcada pela inversão de valores e pela incidência de violências que não deveriam existir nesse contexto.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Procedimento Metodológico

O levantamento bibliográfico para o Estado do Conhecimento, segundo Kohls-Santos e Morosini (2021, p. 126), é “um tipo de metodologia bibliográfica” que vem sendo utilizada amplamente por acadêmicos de pós-graduação, para conhecer e analisar produções decorrentes de pesquisa de determinada área do conhecimento. De modo complementar, Bardin (1997) e Morosini e Fernandes (2014) afirmam que as produções existentes são importantes para refletir, questionar e produzir novos conhecimentos.

O Estado do Conhecimento realizado sobre a violência escolar entre 2017 e 2022, objetivou o aprofundamento teórico e a busca de elementos complementares para a tese em andamento, que investiga a violência escolar tomando as práticas sociais dos jovens estudantes do ensino médio como referência. A pesquisa se deu pelo acesso aos artigos, dissertações e teses depositados nas plataformas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e no *Brasil Scientific Electronic Library – SciELO*, a partir do descritor: violência escolar.

Para construção do corpus da pesquisa, além da identificação e registro das produções para análise, os dados passaram por uma análise sistemática e crítica em busca da verdade sobre os fatos, a partir das proposições de Bardin (1997), Kohls-Santos e Morosini (2021), e Morosini e Fernandes (2014).

Bardin (1997) enfatiza a importância da abordagem quantitativa no processo de pesquisa, pois ela permite a quantificação do material coletado para a construção do corpus. Isso não significa, necessariamente, a utilização de estatísticas, mas sim a adoção de critérios claros para a identificação e registro dos dados, o que facilita a análise sistemática e crítica das informações coletadas. Por esse viés, o estudo se baseou na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1997) para interpretar as

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

obras. O exame seguiu as três etapas denominadas: “Bibliografia Anotada, Bibliografia Sistematizada e Bibliografia Categorizada.” (KOHLS-SANTOS e MOROSINI, 2021, p. 126).

O estudo considerou que “o corpus é um conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica em escolhas, seleção e regras” (BARDIN, 1977, p. 96). O processo de análise seguiu as cinco regras básicas de leitura e organização: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade.

A proposta de análise Bardin (1997) está intimamente ligada às ideias de Kohls-Santos e Morosini (2021), as quais estabelecem uma correlação entre as etapas do processo de pesquisa e as regras que orientam a ação do pesquisador. Essas etapas incluem a busca, seleção e leitura exaustiva das produções, bem como a organização e refinamento dos materiais para a análise. Portanto, a abordagem de Bardin, com as ideias de Kohls-Santos e Morosini, apresentam uma metodologia sólida e coerente para a realização de uma pesquisa de qualidade.

A utilização do descritor “Violência escolar” se mostrou eficiente na busca de artigos, dissertações e teses nos bancos de dados da BDTD, CAPES/Sucupira e SciELO. Nesse sentido, o processo de busca foi estruturado em duas categorias: trabalhos recuperados para a primeira análise e trabalhos selecionados como resultado do refinamento. Após a análise dos títulos e palavras-chave, foram encontradas 225 publicações que atenderam aos critérios de busca. A partir da leitura exaustiva dos resumos para refinar a seleção, chegou-se ao total de 28 publicações selecionadas para o estudo, conforme, segue:

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Tabela 1: Trabalhos selecionados, Bancos de dados [SciELO](#), CAPES e BDTD.

Crerios de busca	Base de dados	Descritores utilizados	Nº de trabalhos recuperados	Nº de trabalhos selecionados
Artigos	SciELO	Violência escolar	51	11
Dissertações	CAPES/Sucupira	Violência escolar	161	11
Tese				01
Teses	BDTD	Violência escolar	13	05
			225	28

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Para a realização da busca na plataforma BDTD, além do descritor “Violência Escolar”, os caracteres *booleanos*, como o AND, para conectar termos relevantes ao estudo, como “violência” e “escola”. Os resultados obtidos foram filtrados por idioma, limitando a pesquisa a documentos em português, e por programa de pós-graduação.

Na plataforma da BDTD, foi aplicado o termo de competência AND, como Violência AND Escolar; a busca pelo Idioma, POR; Programa de Pós-graduação; Tipo de Documento, Teses. Foram descartadas as obras já selecionadas na CAPES.

Para a busca na plataforma da CAPES, atualmente conhecida como Plataforma Sucupira, foram aplicados filtros específicos com o objetivo de tornar a pesquisa mais precisa e direcionada. Dentre esses filtros, destaca-se a seleção da Grande Área de Conhecimento, Ciências Humanas; Áreas de Conhecimento, de Avaliação e de Concentração, Educação.

Para a busca de artigos na base *SciELO*, filtraram-se trabalhos alinhados à área temática de Ciências Humanas. Além disso, foram utilizados os filtros WOS Áreas Temáticas, com destaque

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

para a seleção de Educação (Educacional), para definir o corpus de análise. A aplicação desses filtros nas bases de dados permitiu que a busca se concentrasse em estudos relacionados especificamente à área de Educação, aumentando a probabilidade de encontrar trabalhos relevantes e de qualidade sobre o tema abordado.

Com a aplicação das etapas do estudo proposto por Bardin (1997) e Kohls-Santos e Morosini (2021), foi possível realizar as leituras flutuantes e, em seguida, as leituras exaustivas dos documentos encontrados, resultando na seleção de 28 publicações relevantes para o tema em questão. Essas publicações foram organizadas em quadros, apresentados a seguir como Quadros 1. Artigos, 2. Dissertações e 3. Teses:

Quadro 1 – Artigos Selecionadas – SciELO – Autor(es), título, ano de publicação

Nº	Autor(es)	Título	Ano de Publicação
01	FLORES, Fabrine N.; VISENTINI, Danielle M.; FARAJ, Suane P.; SIQUEIRA, Aline C.	Cyberbullying no Contexto Escolar: a percepção dos professores.	2022
02	SILVA, Luciano Campos; PEREIRA, Edilaine Aparecida dos Santos.	Percepções sobre o Comportamento de Indisciplina de Meninas e Meninos na Escolar. Educação Básica, Cultura, Currículo.	2022
03	CARVALHO, Míriam Alves; BARROCO, Sônia Mari Shima.	A Violência na Educação: Considerações de Professores Violentados	2021
04	GOMES, Gilberto de Miranda Ribeiro e Buso; BITTAR, Cléria Maria Lobo.	Percepções de Professores e Alunos sobre a Violência Escolar: um Estudo Qualitativo	2021

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

05	OLIVEIRA, Wanderlei A. de; SILVA, Jorge L. da; RISK, Eduardo N. KOMATSU, André V.; SILVA, Marta A. Iossi; SANTOS, Manoel A.	Bullying e Mecanismos de Desengajamento Moral: Revisão Sistemática de Literatura com Metanálise	2021
06	PEREIRA, Ana Carolina Reis; GUIMARÃES, Áurea maria.	Direitos Humanos e Justiça Restaurativa: o que pensam os professores?	2021
07	MIRANDA, Antônio Carlos; BERTAGNA, Regiane Helena; FREITAS, Luiz Carlos	Fatores que Afetam o Clima da Escola: a visão dos professores.	2019
08	CRUZ, Fátima Maria Leite; MACIEL, Milena Ataíde	'Excluir', 'Xingar', 'Bater': sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba.	2018
09	NETO, Cláudio Marques da Silva; BARRETO, Elba Siqueira de Sá	(In)disciplina e violência escolar: um estudo de caso.	2018
10	GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'ANGLIO, Débora Dalbosco	Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública.	2017
11	VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de Vasconcelos.	Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo?	2017

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Quadro 2 – Dissertações Selecionadas na CAPES – Autor(es), título, ano de publicação

Nº	Autor(es)	Título	Ano de Publicação
01	RAASCH, Patrícia Tatiana.	Quanta Verdade Tristonha ou Mentira Risonha uma Carta nos Traz: as Experiências Escolares nas Cartas de Jovens do Ensino Médio de uma Escola Pública do Vale do Itajaí.	2022
02	MIRANDA, Lúvia de Lima.	Educação Inclusiva e Violência Escolar: Experiências de uma Escola Municipal de Petrópolis/RJ	2021
03	PONTES, Luana Martins.	A percepção de estudantes do ensino médio sobre violência e preconceito: uma análise à luz da teoria crítica da sociedade.	2021
04	REIS, Cláudio Márcio Pereira dos.	Violência na Escola: entre o clima escolar e a prevenção	2021
05	RIGON, Chirley Fátima.	Mediação do Ambiente Escolar: conflitos e violência(s) em perspectivas decoloniais	2021
06	SOUZA, Tânia Coelho de.	Violência escolar: desafios a formação docente e a educação inclusiva na contemporaneidade	2020
07	AMORIM, Lázaro Leonardo Rodrigues de.	Violência escolar: Percepções dos envolvidos e efeitos do fenômeno.	2019
08	CARVALHO. Deisiane Narry Souza.	A percepção de gestores sobre a violência em espaço escolar: diálogo humanizado?	2019
09	VIANNA, Édina Moura.	Das microviolências ao bullying: reflexões sobre a violência no ambiente escolar.	2018
10	BAMBERG, Rúbia Paula.	Violência nas Escolas: Reflexões a partir do cotidiano da RME de Caxias do Sul – RS	2017
11	CARDOSO, Priscila Carla.	A Construção de Identidade de Adolescentes Autores de Atos Durante suas Trajetórias Escolares	2017

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Quadro 3 – Teses Selecionadas 05 na BDTD, 01 na CAPES – Autor(es), título, ano de publicação

Nº	Autor(es)	Título	Ano de Publicação
01	ARCHANGELO, Rosemeire Marques Ribeiro	Um olhar nas relações de convivência na escola: conflitos, violências, mediação e enfrentamentos	2018
02	CARDOSO, Cícera Romana.	Obstáculos materiais e simbólicos da desistência de estudantes/PROEJA/IFRN: um estudo à luz da teoria das representações sociais e da praxiologia de Pierre Bourdieu.	2018
03	MACHADO, Sandra Maria	Ditos, Não Ditos, Juventudes, Violências, Indisciplinas: Tentáculos do Capitalismo Estético? Racismos Invisíveis?	2018
04	RIBEIRO, Neide Aparecida.	Cyberbullying: práticas e consequências da violência virtual na escola.	2018
05	BONNEAU, Ana Paula Buzetto.	A imagem na percepção docente sobre a (in)tolerância e a violência na escola	2017
06	RIBEIRO, Sônia Maria Lourenço Lucas.	Um olhar sobre as relações de poder da escola na favela pacificada: jovens estudantes e resistências	2017

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Fundamentada em Bardin (1997), Morosini e Fernandes (2014) e Kohls-Santos e Morosini (2021), seguindo as etapas e regras do processo de formação do corpus de análise, os registros das publicações selecionadas foram organizados em planilhas com anotações preliminares e resultantes das etapas desenvolvidas: 1ª Bibliografia anotada; 2ª Bibliografia sistematizada; 3ª Bibliografia categorizada.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Foi realizado um processo de agrupamento das produções selecionadas, com o objetivo de facilitar a análise e evidências as categorias teóricas. O primeiro agrupamento, realizado a partir das palavras-chave como categorias de discussão, não produziu os resultados esperados, pois os termos “violência escolar” e “bullying”, por exemplo, aparecem em contextos discursivos diferentes. Já o segundo agrupamento, por temáticas, foi mais adequado e possibilitou o ajuste das categorias teóricas em três principais áreas: a) conceituação e outras definições da violência escolar; b) a visão dos estudantes sobre violência escolar; c) principais fatores que podem desencadear a violência escolar.

Como resultado desse exercício, foi possível aprofundar o conhecimento sobre a violência escolar, identificar as categorias e temas recorrentes nos estudos selecionados, além de compreender as abordagens teórico-metodológicas aplicadas na pesquisa.

Discussão dos resultados

Durante as análises realizadas, foi possível constatar que as práticas sociais exercidas no ambiente escolar, muitas vezes, são afetadas pela violência, sendo mais evidente entre os estudantes. Foi possível compreender a abordagem do tema da violência escolar pelas áreas de interesse e pelos pesquisadores. No entanto, chamou a atenção o fato de alguns pesquisadores investigarem a violência escolar sem considerar a perspectiva dos estudantes, deixando transparecer mais a opinião dos professores e da gestão escolar. Isso sugere uma polarização subjetiva na qual os pesquisadores e os estudantes são colocados em lados opostos.

Ao analisar as publicações sobre violência escolar, foi observada uma variedade de autores nos referenciais teóricos. Dentre eles, destacam-se Abramovay (2002, 2006, 2011), Stelko-Pereira (2010, 2014), Dubet (1997, 2004, 2010, 2013) e Costa (2010, 2013, 2015, 2018), que abordam a

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

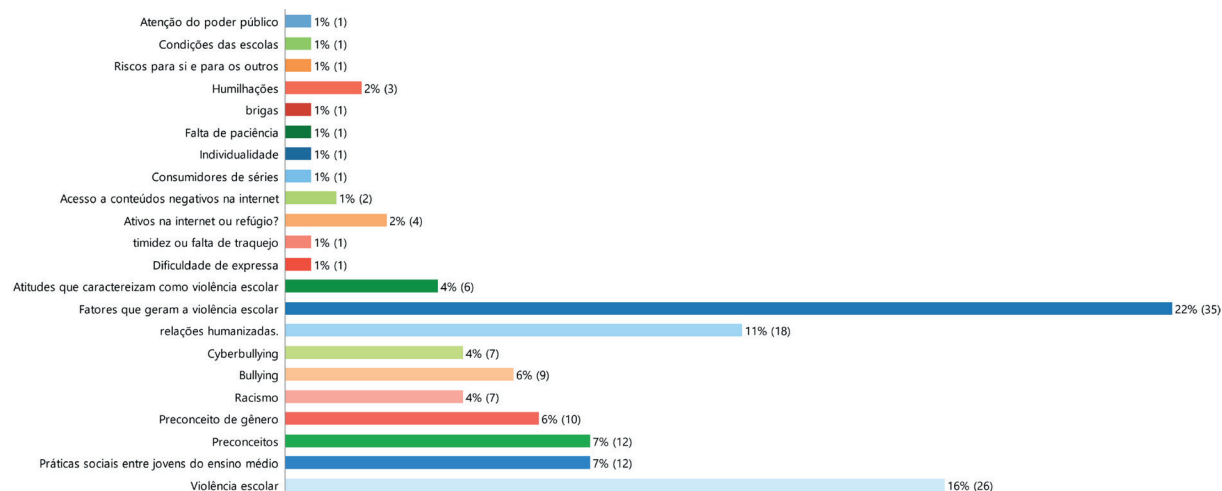
violência escolar e a conduta dos indivíduos como expressão social. Já Carvalho (2001, 2008, 2010, 2020) discute a relação entre violência e fracasso escolar. Adorno (2002, 2010) e Horkheimer e Adorno (1985, 1987) analisam a cultura na sociedade capitalista, violência e doutrinação. Além disso, Bourdieu (1998) aborda a violência simbólica e Crochik (2006, 2013, 2016) aborda a violência escolar, bullying e preconceitos, entre outros autores citados com menor frequência.

As pesquisas analisadas sobre violência escolar evocaram a diferentes abordagens metodológicas. As mais utilizadas incluem Pesquisa Qualitativa e Estudo Exploratório, com aplicação de entrevistas e questionários semiestruturados, grupo focal e rodas de conversas. Destacam-se também o estudo de caso, a etnografia, a análise temática e de conteúdo. Essas abordagens permitiram uma compreensão mais aprofundada dos fatores que influenciam a violência escolar e forneceram dados relevantes para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção.

O texto elaborado foi submetido a uma análise qualitativa realizada pelo software MAXQDA. Como resultado, a ferramenta gerou uma planilha de dados, uma nuvem de palavras e uma lista de códigos. Somente este último material será explorada aqui, os demais serão reservados para a tese. Vejamos, então, a Figura 1:

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Figura 1: lista de códigos gerados pelo software MAXQDA



Fonte: MAXQDA (2023)

Durante a codificação dos dados, foi possível identificar diferentes termos e categorias que apareceram com frequência no texto analisado. O termo “Fatores que geram a violência escolar” foi utilizado 35 vezes e engloba questões como brigas, xingamentos, rispidez, preconceitos de diferentes tipos, *bullying* e *cyberbullying*, entre outros. A categoria “Violência escolar” foi identificada como um dos principais temas discutidos no texto, com 26 inserções.

Além disso, o termo “Relações humanizadas” apareceu 18 vezes e abrange as discussões teóricas relacionadas à escola como ambiente de socialização, ética, cidadania e direitos humanos,

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

que permeiam os debates sobre enfrentamento da violência escolar. Já a categoria “Práticas sociais no ensino médio” teve 12 inserções e engloba atitudes que geram violências, entre outras que se alinham a essa perspectiva. Os professores e a gestão escolar enfatizaram mais a relação dos estudantes com a *internet*, incluindo aspectos como o tempo de acesso, os tipos de conteúdos acessados e os riscos envolvidos. Essas informações são importantes para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção que considerem as demandas e realidades dos estudantes na era digital.

Conceituação e outras definições de violência escolar

A definição de violência escolar, identificada nas produções analisadas, varia entre os autores e suas obras e, muitas vezes, acabam sendo classificadas em diferentes tipos e formas de violência para sua afirmação. De acordo com Stelko-Pereira e Williams (2010), a violência escolar é um fenômeno complexo e em constante reconfiguração, portanto, a amplitude do termo é expressa em diversos conceitos de violências ou vinculado a temáticas que reforcem sua caracterização. Assim, segundo Stelko-Pereira e Willimas, esse tema é tratado por autores expoentes no assunto, como conceituação polissêmica e identificaram “exemplos de trabalhos que assim o fizeram, são os de Abramovay e Rua (2002), Debarbieux e Blaya (2002) e Routti, Alves e Cubas (2006)”. (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS 2010, p. 46).

Os conceitos apresentados sobre a violência escolar estão relacionados com as definições de Abramovay (2005), Sposito (2001) e Chatlot (2002), os quais afirmam que a violência não é um fenômeno exclusivo da escola, mas sim um problema que se manifesta em diversas formas e contextos sociais. Tais formas de violência podem ocorrer tanto em relações amistosas com possibilidade de resolução do conflito, quanto de maneira agressiva.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Stelko-Pereira e Williams evocam Vasconcelos (2002) para afirmar “o que Bourdieu demonstra é que existe relação entre a cultura e as desigualdades escolares: a escola pressupõe certas competências que são de fato adquiridas na esfera familiar” (2010, p.48). Avançando nessa ideia, explicam a adesão dos dominados, “à aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito moral” (2010, p.49); como referência no conceito de violência escolar indicam que Bourdieu inclui a “violência sutil, estrutural que diminui as possibilidades de o indivíduo de classe popular ascender socialmente e transformar a realidade”. (STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p.49).

Carvalho e Barroco (2021) buscaram em Chauí (1999) um conceito de violência a partir da raiz da palavra com origem no latim vis, força, que significa desnaturar, coagir e usar a força contra a natureza do outro. Pontes (2021, p.11) afirma que violência “deriva do latim vis e significa também vigor. Essa palavra pode ser usada para caracterizar uma pessoa de caráter irascível e brutal, ou ainda para descrever uma relação de força que tem a intenção de submeter e constranger o outro”.

A autora caracteriza a violência como um fenômeno dinâmico, presente em todos os períodos da história da humanidade. Enquanto, Carvalho e Barroco (2021), acrescentam que:

Essa conceituação amplia a compreensão do sentido da violência e da sua real magnitude. (Chauí, 1999) teoriza que, sendo nossa sociedade estruturalmente violenta, não ficam ocultas as desigualdades sociais, econômicas e culturais, a corrupção, a intolerância política, religiosa e sexual, o autoritarismo nas relações sociais e o sexismo, aspectos considerados formas de violência. Para a autora, ter clareza da noção de violência permite a atuação coletiva no seu enfrentamento. (CARVALHO e BARROCO, 2021, p. 12).

Abarcando essa diversidade de fatores, a violência escolar é compreendida como um problema que afeta toda a escola e ameaça a qualidade do ensino. A esse respeito, Abramovay (2002) explica

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

que vários teóricos, buscam compreender esse problema, mesmo sendo alterado a todo momento, o que segundo Charlot (2002), vem evidenciando as fragilidades da escola. Nesse sentido, Flores et al. (2022. p.2) explica que “o ambiente escolar, por ser o espaço principal de convívio entre pares, pode se tornar um contexto de risco para situações de violências”.

Segundo Cruz e Maciel (2018), com apoio em Charlot (2002) e Ristum (2010), as violências ocorridas no espaço escolar possuem denominações diferentes que se relacionam com a natureza e as situações em que acontecem. Eles classificam como violência na escola as práticas sociais que acontecem na escola, e como violência da escola as de natureza institucional com regras relacionadas à dominação, uso do poder e à discriminação. Consequentemente, ocorre a produção de violência simbólica na desvalorização do outro.

Cruz e Maciel com base em Abramovay (2002) e Castro et. al. (2001), indicam que “estudos mais abrangentes sobre a violência e com enfoques multidimensionais têm adotado uma conceituação mais ampla, incorporando dimensões socioculturais e simbólicas”. (CRUZ e MACIEL, 2018, p.2).

Carvalho e Barroco (2021) e Ribeiro (2018) concordam que a violência não está restrita apenas ao ambiente escolar, mas também ocorre no trabalho, em instituições e em espaços públicos, bem como nos ambientes virtuais das redes sociais. A violência permeia os espaços por onde transitamos enquanto seres humanos, embora muitas vezes haja dificuldades em reconhecermos uns aos outros. Nessa direção, Ristum e Bastos indicam que estudiosos da violência apontam para sua multicausalidade, não sendo possível isolá-las e estudá-las fora do contexto em que ocorrem, devido à “interação entre os fatores causais e a atuação de fatores pessoais e contextuais na constituição da violência”. (RISTUM e BASTOS, 2004, p.3)

Com base em Horkheimer e Adorno (1985), Pontes (2021) alerta que a violência praticada na escola, geralmente tem raízes externas, portanto, compreendida como uma extensão da violência

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

com causa social, a qual as necessidades psíquicas de cada indivíduo estão intrinsecamente ligadas. Além disso, a autora adverte que violência e preconceito estão intimamente relacionados.

Esse panorama permite relacionar a violência escolar às formas explícitas ou simbólicas, refletir sobre os papéis dos sujeitos nessa ação em relação ao tipo, frequência ou gravidade, a fim de compreender as causas e efeitos na formação e na vida dos estudantes.

A visão dos estudantes sobre violência escolar

O presente Estado do Conhecimento está em consonância com o objetivo de buscar a visão dos estudantes sobre violência escolar. Nesse sentido, destacam-se três produções que se aproximam dessa proposta e abordam temas como indisciplina, preconceitos de gênero e racismo, além de experiências vivenciadas pelos estudantes na convivência na escola e na sociedade.

Na obra “Percepções sobre o Comportamento de Indisciplina de Meninas e Meninos na escola”, Silva e Pereira (2022) identificaram a participação de meninas em episódios de indisciplina na escola. Para os autores esse fenômeno pode ser compreendido a partir da intersecção de fatores sociais, tais como: família, escola, relações pedagógicas e outros que se incluem como condições para a ocorrência de atos de indisciplina.

Com base em Moreira e Santos (2002), os autores reconstruíram a relação entre indisciplina e gênero por meio da análise de situações problemas a partir das medidas disciplinares aplicadas às meninas e aos meninos nas escolas. Eles afirmam que há um comportamento padrão de gênero sobre o qual a escola reproduz as desigualdades. Segundo os autores, os professores, geralmente, atribuem a indisciplina das meninas às questões relacionadas à sexualidade, namoros, ou sob o cognome preconceituoso de “assanhadas”, de querer se exibir para os outros. Além disso, “tais

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

estereótipos, reforçam as desigualdades e são gatilhos para situações de violências entre os estudantes” (SILVA e PEREIRA, 2022, p. 6).

As autoras, afirmam que a falta de disciplina, questiona a autoridade de professor e sua habilidade de agir no conflito. Elas veem como equívoco pensar que o comportamento de meninas e meninos na escola segue um padrão rígido baseado apenas nas expectativas sociais de gênero, uma vez que é clara a multiplicidade de suas atitudes em relação às regras da escola que são menos flexíveis.

No estudo intitulado “A percepção de estudantes do ensino médio sobre violência e preconceito: uma análise à luz da teoria crítica da sociedade”, Pontes (2021) identificou os preconceitos relacionados às condições socioeconômicas, de gênero, contra pessoas LGBTQIA+, de raça e ao mau uso das tecnologias como constituintes da violência escolar, analisados a partir da perspectiva dos estudantes.

A autora trata a violência como (de) formação com desdobramentos na sociedade e na escola e aponta que as agressões físicas, verbais, psicológicas têm se tornado mais frequentes e chamado a atenção da gestão escolar. Destaca tanto o preconceito, quanto a extensão do preconceito como uma forma perversa de reforçar as desigualdades (PONTES, 2021).

Pontes (2021) apontou que, de acordo com a percepção dos estudantes, há uma grande indignação com relação ao fato de as mulheres não denunciarem todos os casos de violência de gênero contra elas, assim como com o preconceito contra pessoas LGBTQIA+, que é percebido em interpretações errôneas reproduzidas socialmente sobre a orientação sexual, sendo considerada algo inerente à constituição do indivíduo e não uma escolha. Os estudantes também relataram que muitos pais e familiares não aceitam a homossexualidade, associando-a a comportamentos que não condizem com o estereótipo de gênero, o que aumenta o risco de depressão e suicídio entre essa população.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Pontes (2021) relatou situações que ela considerou assustadoras e que demonstram características de indivíduos com inclinações fascistas e intolerantes, que são incapazes de lidar com o diferente. Essa constatação ressalta a necessidade de a sociedade brasileira avançar no exercício de valores e respeito mútuo como princípios fundamentais para a vida em sociedade, especialmente para aqueles que necessitam de apoio moral e solidário para exercer sua cidadania.

Na produção intitulado “Quanta Verdade Tristonha ou Mentira Risonha Uma Carta nos Traz: as Experiências Escolares de Jovens do Ensino Médio de Uma Escola Pública do Vale do Itajaí”, Raasch (2022) entrevistou e examinou cartas escritas pelos estudantes e como parte de sua participação na pesquisa. A autora usou o conceito de experiência social de Dubet (2010), que define a experiência como uma forma de sentir e construir a subjetividade. Segundo Raasch (2022, p. 4), a experiência social é definida como “posturas individuais e coletivas definidas por princípios heterogêneos, sob os quais os indivíduos constroem suas práticas”.

Para compreender essas experiências dos jovens nos diferentes espaços, Raasch (2022) desenvolveu uma metodologia a partir de três eixos: família, escola e a rua, como elementos para as produções com liberdade para fluir. As leituras encantam, pela leveza e clareza com que os jovens se expressam. Suas histórias de vidas são simples, porém, fascinantes pelo valor que dão para os momentos em família, a liberdade nos diálogos, a participação na economia doméstica e como relataram suas conquistas e expectativas.

Os jovens estudantes apresentaram em suas cartas uma mistura de segurança em si mesmos, com o apoio da família, e incertezas em relação à escola, à vida na rua, ao trabalho e às expectativas futuras. Alguns deles enfrentam problemas pessoais, como a separação dos pais ou a mudança de

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

cidade, que afetam diretamente sua relação com a escola. Eles denunciam que a escola não oferece uma educação de qualidade para superar as desigualdades sociais e econômicas (RAASCH, 2022).

A autora relata que percebeu que os estudantes entendem as demandas do capitalismo, assim como têm consciência que são assujeitados às condições materiais de produção para atuar na sociedade. Além disso, eles compreendem “a importância do conhecimento apenas na dimensão da utilidade, ou seja, o conhecimento só é importante se for útil para o cotidiano ou para o futuro e o mercado de trabalho.” (RAASCH, 2022, p.121).

Raasch (2022) evidenciou que o contexto familiar se entrelaça com os contextos escolar e da rua. Os estudantes atribuem à escola a responsabilidade pelo abandono escolar, uma vez que a reconhecem como importante espaço de formação e potencialização dos estudantes para a superação das desigualdades sociais e econômicas. A autora destaca que a formação e a construção da subjetividade dos estudantes se dão em diversos contextos, e a escola deve ser um espaço que contribua de forma significativa para essa formação.

Essas produções confirmam que a melhor maneira de obter dados fidedignos de uma realidade investigada, é dialogar, entrevistar ou apenas ouvir os sujeitos envolvidos na questão. As teorias são fundamentais, mas não traduzem a realidade axiológica do ambiente e das questões de onde o problema se manifesta.

A visão dos estudantes sobre violência escolar

As produções analisadas evidenciaram fatores que afetam o clima da escola, como: a indisciplina, os preconceitos de gênero, racismo, entre outros, que denotam preocupações com as relações interpessoais, de ensino e aprendizagem e de violências no ambiente escolar. Autores como Miranda, Bertagna e Freitas (2019), Neto e Barreto (2018) afirmam que não existe consenso sobre

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

quais dimensões são essenciais para medir o clima escolar validamente. No entanto, a presença de problemas relacionados às características e à violência na escola, tais como brigas, xingamentos, práticas de *bullying*, ausência de disciplina e preconceitos, em geral (como os de gênero e racismo), cria tensões entre os membros da comunidade escolar, modifica o clima na instituição, prejudica a aprendizagem dos estudantes e causa preocupação aos professores.

De acordo com Cruz e Maciel, essa preocupação se dá pelo fato de que “as agressões e insultos se tornaram comuns nas práticas cotidianas, o que amplia a complexidade de análise e da definição do que é e o que não é incivildade e/ou indisciplina na escola”. (CRUZ e MACIEL, 2018, p.3). É claro que a disciplina representa um conjunto amplo de regras e condutas escolares que os estudantes têm que cumprir. Contudo, os alunos são os que mais sentem a pressão do que seja conviver sob essas regras e sofrer as consequências. (CRUZ e MACIEL, 2018; MACHADO, 2018).

Miranda, Bertagna e Freitas (2019), Vasconcelos (2017) e Archangelo (2018) abordam a indisciplina como um problema que dificulta as relações sociais na escolar e põe em risco o diálogo e a aprendizagem. Nesse sentido, Neto e Barreto (2018), amparados em Zechi (2014) asseguram que a “indisciplina em meio escolar representa um assunto complexo. Seu conceito, assim como o de violência, não é uniforme, nem universal. Ele relaciona-se a um conjunto de valores que variam em diferentes contextos socioculturais ao longo da história”. (NETO e BARRETO, 2018, p. 2).

Neto e Barreto (2018) destacam que a indisciplina, desde a década de 1990, tem adquirido um caráter de agressão, conforme registrado na literatura. Os professores têm relatado essa situação ao lidar com as questões enfrentadas no combate à violência nas escolas. Assim como Giordani, Seffner e Dell’anglio (2017) apontaram a violência verbal de estudantes contra professores como indício de conflito e dificuldade para retomar o trabalho na sala de aula após o conflito.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Vasconcelos (2017), Neto e Barreto (2018), Silva e Pereira (2022) ponderam que os problemas de indisciplina dos estudantes não serão resolvidos por meio da rotulação deles como indisciplinados ou mal-educados, mas com ações efetivas de educação voltadas à cidadania e valores humanos, uma vez que vinculam com valores construídos na família e na sociedade.

Cruz e Maciel (2018) alertam que os estudantes associam a violência a características físicas, como brigas, xingamentos, entre outros dessa natureza e buscam significados simbólicos em aspectos sociais, afetivos e expressivos de preconceitos e discriminação em relação às diferenças. Entretanto, Machado (2018) afirma que as práticas de preconceitos não acontecem por acaso, que são marcas criadas e perpetuadas pelo racismo, que segundo ela, “não se concretiza só por meio de atitudes ativas (agressões, humilhações, apelidos, violências físicas), mas de forma mais ‘sutil’, por meio da falta de reconhecimento, da negação de uma história e da desatenção a esses sujeitos”. (MACHADO, 2018, p. 64).

Uma forma comum de agressão e humilhação é observada na prática de *bullying*, que consiste na repetição frequente de insultos e agressões entre pares. Segundo Bamberg (2017), essa prática está relacionada às diferenças sociais entre agressores e vítimas, e é reforçada por relações de poder desiguais, baseadas em diferenças sociais e físicas valorizadas ou desvalorizadas dentro dos grupos. A autora esclarece ainda que, quando essa prática ocorre no ambiente virtual, utilizando tecnologias digitais, é denominada de *cyberbullying*. Já Ribeiro (2018) alerta para as implicações do *cyberbullying*, que envolve o anonimato do agressor, invasão e violação da privacidade e intimidade de adolescentes e jovens, além de discriminação e ridicularização deliberadas por usuários da internet.

É evidente que fatores da violência escolar como preconceitos, *bullying*, *cyberbullying* relacionam-se com a violência externa e com as microviolências no sentido que as estratégias geralmente não

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

iniciam na escola, ocorrem de maneira velada em ações pontuais, dosadas e as espreitas, evitando ser percebida pelos educadores (ARCHANGELO, 2018 e RIBEIRO, 2018).

Os jovens interagem entre si e com as novas tecnologias em um ambiente natural da vida cotidiana de uma sociedade contemporânea. Embora nem todos tenham as mesmas oportunidades, a escola se constitui como um espaço de luta para eles. Assim, buscam construir seu meio de sobrevivência e formação pessoal, mesmo que, muitas vezes, acabem protagonizando práticas sociais inadequadas ao seu papel como estudante.

Considerações finais

As obras analisadas evidenciaram a violência escolar como um fenômeno complexo, em constante reconstrução devido às múltiplas causas presentes no cotidiano das escolas. As formas como os estudantes, professores e gestões escolares se movimentam cultural e socioafetivamente é influenciada pelas demandas que trazem para a escola, bem como pelas demandas que são desenvolvidas em conjunto nela. O inventário também evidenciou aspectos do contexto de vida dos sujeitos das pesquisas que apresentam similaridades, tais como condições socioeconômicas, serem filhos de trabalhadores e estudantes de escolas públicas (lôcus das pesquisas), jovens com posicionamentos claros e reflexivos, além de aspectos institucionais comuns a todos por meio dos projetos pedagógicos da educação básica.

Mesmo nas entrevistas com professores, o foco esteve na violência escolar e no estudante como sujeito dessa ação. As obras retratam uma juventude que vivencia as demandas do cotidiano, enquanto constrói sua cultura na comunidade e na própria escola. Os estudantes carregam suas demandas culturais, expressões artísticas, afetivas, suas expectativas, dúvidas e angústias, que podem desencadear violências por negligência ou humilhação. Os sentimentos gerados por

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

essas provocações são gatilhos para atitudes difíceis, como agressões verbais, brigas, entre outras práticas sociais violentas. No universo de fatores e efeitos das violências que ocorrem nas escolas, o preconceito se manifesta como o racismo, o preconceito de gênero, contra pessoas LGBTQIA+, com deficiências. O bullying é uma estratégia de humilhação, e o cyberbullying é uma afirmação do mau uso das tecnologias digitais com ênfase nas redes sociais e busca por conteúdos alheios aos estudos, são problemas para os quais a escola e a família devem buscar soluções.

Nas pesquisas que deram voz aos estudantes, evidenciou-se o quanto eles são verdadeiros. Assumem suas fragilidades, demonstram ter consciência de seus deveres e indignação com o preconceito contra pessoas LGBTQIA+ e racismo. Eles assinalaram que precisam melhorar suas posturas, enquanto criticam a escola pela ausência de diálogo e pelo baixo compromisso com os estudantes no processo pedagógico e de desenvolvimento intelectual.

Por fim, as informações apresentadas neste texto fornecem uma visão ampla e complexa da violência escolar e das demandas culturais e socioafetivas presentes no cotidiano das escolas. A partir dos resultados das pesquisas analisadas, é possível afirmar que a violência escolar é um fenômeno multifacetado e que exige soluções igualmente complexas. É importante destacar a relevância dessas informações para novos estudos na área da educação, uma vez que fornecem dados empíricos valiosos para discussões e para a elaboração de políticas públicas efetivas de combate à violência escolar e para a criação de práticas pedagógicas mais inclusivas e respeitosas.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência nas Escolas, Ministério da Educação, 2005.
- AMORIM, Lázaro Leonardo Rodrigues de. **Violência escolar: Percepções dos envolvidos e efeitos do fenômeno**. 2019, 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.
- ARCHANGELO, Rosemeire Marques Ribeiro. **Um olhar nas relações de convivência na escola: conflitos, violências, mediação e enfrentamentos**. 2018, 51 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2018.
- BAMBERG, Rúbia Paula. **Violência nas Escolas: reflexões a partir do cotidiano da RME de Caxias do Sul – RS**. 2017, 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977.
- BONNEAU, Ana Paula Buzetto. **A imagem na percepção docente sobre a (in)tolerância e a violência na escola**. 2017. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

- CARDOSO, Cícera Romana. **Obstáculos materiais e simbólicos da desistência de estudantes/PROEJA/IFRN**: um estudo à luz da teoria das representações sociais e da praxiologia de Pierre Bourdieu. 2018. 132f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- CARDOSO, Priscila Carla. **A Construção de Identidade de Adolescentes Autores de Atos Infracionais Durante suas Trajetórias Escolares**. 2017. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de mesquita Filho. Rio Claro, 2017.
- CARVALHO, Míriam Alves.; BARROCO. Sônia Mari Shima. A Violência na Educação: Considerações de Professores Violentados. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.25, p.1-11, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/R7GPTsNSPb48HTH4PYnZXnR/>. Acesso em: 01 fev. 2023.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n.8, p. 432-443, jul/dez 2002. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt>. 01 fev. 2023.
- CRUZ, Fátima Maria Leite; MACIEL, Milena Ataíde. ‘Excluir’, ‘Xingar’, ‘Bater’: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá v. 22, n.2, p. 291-300, mai/ago2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/nfGTMLg7yFDFgvVcgQQrpFp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

ESTEVEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: **Congresso Português de Sociologia: mundos sociais, saberes e práticas**, 6, 25 a 28 de junho de 2008, Lisboa. Anais do VI Congresso Português de Sociologia: mundos sociais, saberes e práticas, Lisboa, Faculdade Nova Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008, p.1-14. Disponível em: Acesso em: <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>. 05 fev. 2023.

FLORES, Fabrine Niederauer; VISENTINI, Danielle Machado; FARAJ, Suane Pastoriza; SIQUEIRA, Aline Cardoso. Cyberbullying no Contexto Escolar: a Percepção dos Professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 26, p.1-8, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/h7Z9LHtRc67rsWrqmXXpn3w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 01 jan. 2023.

GOMES, Gilberto de Miranda Ribeiro e Buso.; BITTAR, Cléria Maria Lobo. Percepções de Professores e Alunos sobre a Violência Escolar: um Estudo Qualitativo. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 25, p.1-9, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021223900>. Acesso em 19 out. 2022.

GIORDANI. Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'ANGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 2, n.1, p.103-111. jan/abr 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02111092>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

- KOHL-SANTOS, P.; MOROSINI, M. C. O revisitar da metodologia do estado do conhecimento para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica online**, [S. l.], v. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1318>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- MACHADO, Sandra Maria. **Ditos e Não ditos, Juventudes, Violências, Indisciplinas: Tentáculos do Capitalismo Estético? Racismos Invisíveis?** 2018, 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Biblioteca Central UFES, Vitória, 2018.
- MIRANDA, Antônio Carlos.; BERTAGNA, Regiane Helena.; FREITAS, Luiz Carlos. Fatores que afetam o clima da escola: a visão dos professores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-23, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0102>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- MIRANDA, Livia de Lima. **Educação Inclusiva e Violência Escolar: Experiência de uma Escola Municipal de Petrópolis/RJ.** 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Biblioteca Central do Gragoatá, 2018.
- MOROSINI, Marília; NASCIMENTO, Lorena Machado do; NEZ, Egeslaine de. Estado do Conhecimento: a metodologia na prática. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.55, p.69-81, 2021, Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4946>. Acesso em: 21 jan. 2023.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

- MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014. DOI: 10.15448/2179-8435.2014.2.18875. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- NETO. Cláudio Marques da Silva; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. (In)disciplina e violência escolar: um estudo de caso. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-18, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844165933>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- OLIVEIRA, Wanderlei A. de ; SILVA, Jorge Luiz da ; RISK, Eduardo N.; KOMATSU, André V.; SILVA, Marta A.Iossi; SANTOS, Manoel A. dos. Bullying e Mecanismos de Desengajamento Moral: Revisão Sistemática Com Metanálise. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 25, p.1-9, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021223346>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- PONTES, Luana M. **A percepção de estudantes do ensino médio sobre violência e preconceito**: uma análise à luz da teoria crítica da sociedade. 2021, 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Jataí, Jataí. 2021.
- RAASCH, Patrícia Tatiana. **Quanta Verdade Tristonha ou Mentira Risonha uma Carta Nos Traz**: as experiências escolares nas cartas de jovens do ensino médio de uma escola pública do Vale do Itajaí. 2022.168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau. Biblioteca Univ. Prof. Martinho Cardoso da Veiga. Itajaí – Santa Catarina, 2022.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

REIS, Cláudio Márcio Pereira dos. **Violência na Escola: entre o Clima e a Prevenção**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Católica de Brasília, 2021.

RIBEIRO, Neide Aparecida. **Cyberbullying: práticas e consequências da violência virtual na escola**. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

RIBEIRO, Sônia Maria L. L. **Um olhar sobre as relações de poder da escola na favela pacificada : jovens estudantes e resistências**. 2017. 166 f. Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RIGON, Chirley F. **Mediação no Ambiente Escolar: Conflitos e Violência(s) em Perspectivas Decoloniais**. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – Francisco Beltrão, 2017.

RISTUM, M.; BASTOS, A. C. S. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, p. 225-239, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5Mn3LRpNf5wJr9BHjQnfpKM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVA, L. C. da; PEREIRA, E. A. dos S. Percepções sobre o comportamento de indisciplina de meninas e meninos na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 52, p. e07446, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/7446>. Acesso em: 21 abr. 2023.

Violência Escolar: um estudo do estado do conhecimento no período de 2017 a 2022

SOUZA, Tânia Coelho de. **Violência Escolar**: Desafios à Formação Docente à Educação Inclusiva da Contemporaneidade. 2020. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2020.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001. DOI: 10.1590/S1517-97022001000100007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27856>. Acesso em: 21 abr. 2023.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 fev. 2023.

VASCONCELOS, Ivar Cesar Oliveira de. Aprender a conviver, sem violencia: o que dá e não dá certo? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.l.], v. 25, n. 97, p. 897-917, oct. 2017. ISSN 1809-4465. Disponível em: <<https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/1180>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

VIANNA, Édina Moura. **Das microviolências ao bullying**: reflexões sobre a violência no ambiente escolar. 2018. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2018.

Data da submissão: 15/06/2023

Data do aceite: 10/09/2023

Data da publicação: 06/05/2024